

Fazer mídia sonora na região sertaneja brasileira. Ações, debates e reflexões após o 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí¹

Orlando Maurício de Carvalho Berti²

UESPI – Universidade Estadual do Piauí (Teresina – PI)

Resumo

O artigo faz parte de um estudo analítico, descritivo e social tendo como ponto base a reflexão sobre ações midiáticas sonoras na região do Sertão do Nordeste do Brasil. É feito um estudo de caso sobre (e as consequências de) ações, debates e reflexões do 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí, que aconteceu no início do mês de julho de 2017 na cidade de São Francisco de Assis do Piauí (município de menor IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – do estado). Reflexões sobre o fazer comunicação comunitária, rádio comunitária e mídia sonora no Sertão também são pontos-chave do estudo. Parte-se de conceitos sobre comunicação comunitária (notadamente a radiofônica) mostrando-se as premências e necessidades teóricas e empíricas sobre a temática em questão e, principalmente, suas intersecções sociais.

Palavras-chave

Comunicação; Comunicação Social; rádio; rádio comunitária; Sertão do Piauí.

Introdução

Qual o papel da universidade, e seus membros, frente às questões e debates contemporâneos na sociedade e nas comunidades? Esse papel tem sido cumprido? Como tem sido? Ou apenas é um jogo de cena, de faz de conta? Quais as consequências reais desses processos? Quais heranças e o que de imediato pode ser aferido? E o rádio? Justamente essa mídia sonora de tanto poder e penetração coletiva: como tem sido usado para as mudanças sociais em períodos políticos e econômicos tão sombrios no Brasil? E nos lugares considerados mais socialmente vulneráveis? Há diferenciações?

Questionamentos como esses são colocados ao menos semanalmente na realidade de estudos comunicacionais da UESPI – Universidade Estadual do Piauí –,

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente, pesquisador, extensionista e coordenador dos cursos de Comunicação (Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e Relações Públicas; Bacharelado em Jornalismo) da UESPI – Universidade Estadual do Piauí – campus Torquato Neto (Teresina – PI). Jornalista profissional e militante social. É pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. É doutor e mestre em Comunicação Social pela UMESP, com estágio doutoral na Universidad de Málaga (Espanha), com todas essas pós-graduações refletindo comunicação comunitária radiofônica. É vice-presidente da Rede Brasileira de Mídia Cidadã. É coordenador-geral do Núcleo de Extensão e Pesquisa em Comunicação Alternativa, Popular e Comunitária da UESPI. Atualmente desenvolve pesquisas na área de Comunicação Comunitária, Sertão, Cidadania e empoderamento social. E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br

campus Poeta Torquato Neto, localizado em Teresina, capital do estado. Tamanhos debates, com certeza, não só instigam e privilegiam apenas os membros daquela instituição de ensino superior e suas realidades. Boa parte dos discentes e docentes advém de vida interiorana, balizada nas últimas três décadas no poder do rádio enquanto meio informador e formador, notadamente na realidade do Sertão nordestino.

É lícito, notório, premente e tácito as intersecções entre o que se reflete e se pratica na sociedade com a própria universidade. Visto que a Academia é parte indissociável do ambiente social. As questões apresentadas anteriormente, entre outras, são essenciais a qualquer espaço acadêmico. Defende-se a ampliação desse debate.

Parte-se do lugar de fala e de espaço universitário da necessidade e defesa de um debate e aproximação cada vez maior e amplo com as comunidades. Como fazemos parte do campo comunicacional esse debate se dá, e se defende, mais pelo papel na presença dos processos comunicacionais, sejam eles de emissão ou de recepção.

O questionamento do papel das demandas sociais não é feito somente pelos membros dos corpos universitários (administração, discentes, docentes, servidores técnico-administrativos e terceirizados) mas também fazem parte de vários extratos sociais: *o que a universidade pode fazer por essa situação?*

A militância social, notadamente nos movimentos de rádios comunitárias, na tentativa de oferecer respostas ou instigar mais dúvidas e reflexões, traz a missão de colocação não na linha de frente das mudanças sociais, mas na responsabilidade do poder social e edificante da própria universidade para com as demandas coletivas.

O sujeito-objeto da pesquisa reside em refletir as ações, consequências e o que foi debatido no 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí, ocorrido em julho de 2017 na cidade sertaneja de São Francisco de Assis do Piauí (no Sertão Sul do estado, distante 500 quilômetros da capital). Não se trata apenas de um evento, que por si só, em termos de discussões e interação regional, tem grandes pontos e importância, principalmente no debate cada vez mais crescente do protagonismo radiofônico e de suas interfaces na reversão da histórica situação de exclusão social dos sertanejos brasileiros.

Parte-se das consequências não de um modelo fechado (muito menos da pasteurização de modelos do conhecimento científico) mas envereda-se por discussões que levem a outros eventos e, conseqüentemente desnudem, instiguem e mostrem a participação (e suas importâncias e consequências) via emissoras de rádio comunitária.

Problematiza-se a partir da reflexão das consequências desse evento de mídia sonora para a região sertaneja brasileira, historicamente à frente dos índices sociais de maior vulnerabilidade do Brasil. Quais as construções coletivas, sociais e comunicacionais puderam ser debatidas e refletidas com o evento?

Objetiva-se discutir e debater o fenômeno a partir de um lugar de fala de participação, organização e, notadamente, de expectador do próprio evento.

O estudo é justificado a partir da importância da temática de comunicação radiofônica em suas interfaces comunitárias precisarem ser mais debatidas. Em um contexto geográfico na questão do Sertão do Piauí há uma presença maior porque há regiões inteiras que até os idos do fim da segunda metade da segunda década do Século XXI ainda só têm Comunicação Social com o trabalho de rádios comunitárias.

Justifica-se também o próprio papel da Academia em estar atenta e presente a esses momentos. O porquê não é a construção de um modelo, mas o instigar modelos que podem ser postos à prova e até mesmo à reflexão não só dos membros da universidade, mas a tentativa de prova de que o diálogo entre Academia e sociedade (com suas respectivas comunidades) só tende a trazer bons e proveitosos frutos a todos.

Metodologicamente parte-se de um estudo de caso destacando um evento de cunho acadêmico, profissional e social, mostrando-se suas peculiaridades. O trabalho começou a ser pensado como consequência direta das pesquisas de Pós-graduação de nossa autoria (BERTI 2009, 2014, 2017b). A própria cobrança de comunicadores comunitários e populares de São Francisco de Assis do Piauí, parceiros de atividades extensionistas com a Universidade Estadual do Piauí, proporcionaram as metodologias do evento. As mesmas foram abertas e propositalmente mostrou-se que o evento teria apenas um roteiro, sendo que seu andamento ficaria por conta dos participantes. No sentido da sistematização também baliza-se por estudo exploratório, com a necessidade básica de estudo bibliográfico para a fundamentação das ideias científicas apresentadas.

Para fins de melhores esclarecimentos e ordenamentos o artigo é dividido em três partes. A primeira, intitulada “*As sonoridades das rádios comunitárias. Possibilidades de socialização de dias melhores para os silenciados*”, de caráter teórico, trata sobre o poder do meio comunicacional rádio e, conseqüentemente, das rádios comunitárias no sentido de dessilenciar as populações mais carentes. O segundo momento do trabalho, “*O 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí*”, de caráter de elucidação do objeto de pesquisa, fala sobre a cidade de São

Francisco de Assis do Piauí, o evento em si, suas faces e interfaces, trazendo links para a principal vivência do estudo, que é a análise. A terceira, e última parte, de caráter analítica e reflexiva, “*Refletindo o fazer mídia sonora na região sertaneja brasileira. Consequências, ações, debates e reflexões após o 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí*”, envereda sobre as discussões propriamente ditas e mostra como a problemática foi elucidada e quais as reflexões do fenômeno.

O trabalho não é uma camisa de força, nem muito menos tenta esgotar a temática, mas evoca, novamente, promover discussões, debates e, principalmente, aprender mais com experiências (não só a retratada, mas também de outros lugares do País). Pois com a difusão das ideias apresentadas, as mesmas podem ser melhoradas, ampliadas e até descartadas. O artigo não é só para acadêmicos. Destina-se para membros de rádios comunitárias, de emissoras de rádio em geral e a todos os interessados pela temática. Estejam mais que convidados à leitura e ao debate.

1 – As sonoridades das rádios comunitárias. Possibilidades de socialização de dias melhores para os silenciados

Cada meio de comunicação sonoro tem especificidades. Com a multiplicidade de canais, de maneiras de mediações é tido cada vez mais a sensação de comunicação potencializada, chegando-se aos mais distantes rincões. Na contramão das questões quantitativas nota-se, e destaca-se, que a sensação de estar informado com tanto conteúdo disponível (inclusive multimidiático) torna o consumidor de informação e conteúdo mais desinformado.

Uma das respostas a tanta gama de informações e desinformações, dada a velocidade de como as informações são socializadas, pode estar no local. Alain Bourdin (2001) explica que é no local em que há maior possibilidade do pertencimento, que é o fazer parte da comunidade ou do grupo social cujo qual pretende estar representado. O pertencimento contemporâneo é um dos pontos-chave da própria Comunicação Comunitária. E uma das maiores interfaces desse tipo comunicacional é a própria rádio comunitária.

Parte-se do conceito de rádio comunitária, através de estudos de nossa autoria (BERTI, 2017b) como sendo a emissora *na, da e para* a comunidade. Em uma visão e reflexão iniciais parecem conceitos simplistas e ilógicos, já que representam “apenas” uma tríade de palavras soltas.

Não são os termos em si que importam, mas seus significados, possibilidades de evolução e exacerbação da Comunicação Social. A Comunicação Comunitária é uma das maiores interfaces de preceito comunicacional social contemporâneo. Como três termos representariam todos os processos comunicacionais de algo tão complexo, múltiplo, geralmente contra-hegemônico (mesmo respeitando-se o fato de também haver questões hegemônicas) policultural e heterogêneo como é a comunidade?

São as pormenorizações, entendimentos e lincagens destes termos com as realidades comunitárias, notadamente as contemporâneas, que trazem a real noção do conagraçamento comunicacional comunitário e sua função para a Comunicação em si.

Elas mostram que está na localização, no pertencimento e na utilização desses meios comunitários uma das peças-chave para o êxito comunicacional das lutas dos grupos sociais, organizados ou não. Exemplificando-se: associações de moradores, coletivos culturais, associações inspiradas por entidades religiosas, organizações não governamentais, dentre diversos outros.

A comunidade é um lugar de conagraçamento coletivo e está contida na sociedade. Essa contenção não significa que as comunidades são lugares inferiores ou menos importantes, mas sim um conjunto de partes sociais, refletindo a própria sociedade e seu conjunto de maneira mais micro. Por isso uma sociedade contém várias, e múltiplas, comunidades.

As comunidades contém diversos grupos, não importante em termos de quantidade. E os grupos são conglomerados coletivos que muitas vezes não têm objetivos solidários comuns, mas apenas de interesses, em algumas situações grupais o proveito é para motivos pontuais, estando mais próximos a efemeridade.

Lembra-se também que uma comunidade, no caso dos municípios menores, podem ser uma própria cidade inteira ou seu conagraçamento pode levar o município a ter maior possibilidade de participação comunitária.

1.1 – As rádios comunitárias e sua importância sonora e social

Segundo o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (2017), em seus dados mais atuais, havia no Brasil até o final de 2016 a quantidade de 4.724 emissoras de rádios comunitárias autorizadas a funcionar. Essas estavam presentes em 3.935 municípios brasileiros, ou seja, 70,65% tinham alguma emissora autorizada a funcionar.

Levando-se em conta as emissoras não autorizadas há, no mínimo, no País mais de 20.000 rádios que atuam sobre o nome de comunitárias ou alternativas. Um número significativo e merecedor de estudos e reflexões, notadamente no campo da mídia sonora. Elas estão presentes nos lugares em que muitas vezes os meios considerados convencionais não estão presentes.

As rádios comunitárias no Brasil continuam sendo alvo de polêmicas e virtudes. As polêmicas residem principalmente no sentido de que esses canais são utilizados de forma a continuar a hegemonia dos outros meios de comunicação ditos tradicionais ou até ligados a grupos de poder, além de serem utilizados por agremiações políticas-partidárias e religiosas (notadamente cristã católicas e evangélicas) para a manutenção de seus status quo em prol apenas de grupos e não de uma coletividade. Os elogios às rádios comunitárias residem, notadamente, em fazer uma comunicação diferencial.

Em um Brasil continental por natureza e com disparidades e heterogeneidades regionais não há um padrão de rádio comunitária, mas emissoras com intencionalidades mais ou menos comunitárias, sendo legalizadas ou não. O grande desafio do movimento de rádios comunitárias nacional é justamente fazer uma comunicação mais abrangente, diferencial e que realmente beneficie as comunidades.

O conceito oficial de rádio comunitária é apresentado pelo Manual de Orientação Para Rádios Comunitárias (2009) do antigo Ministério das Comunicações. O próprio documento destaca que as emissoras radiofônicas comunitárias são regidas pela Lei 9.612/98 e são: um tipo especial de emissora de rádio FM, de alcance limitado a, no máximo, um quilômetro a partir de sua antena transmissora, criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Trata-se de uma pequena estação de rádio, que dará condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais. [...] Deve divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais; noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população. [...] Não pode ter fins lucrativos nem vínculos de qualquer tipo, tais como: partidos políticos, instituições religiosas etc.

Extra conceito oficial as rádios comunitárias também são consideradas, tendo como principais funções: tratar do local, vivenciar perspectivas contra-hegemônicas, valorizar a cultura local, pluralidade e, notadamente, instigar a cidadania.

Márcia Detoni (2004, p.279) destaca que elas deve ter programação voltada para os problemas e realidades do bairro ou região, valorizem a cultura local, tenham compromisso com a educação para a cidadania, participação direta da população ao microfone e na produção dos programas, participação da comunidade no gerenciamento e na definição dos programas por meio de assembleias coletivas; finalidade não lucrativa. Os recursos para o funcionamento da emissora são arrecadados através de apoio cultural e de contribuições das próprias comunidades.

Armando Coelho Neto (2002, p.23) diz que uma rádio comunitária é um dos mais legítimos movimentos populares, que reivindica a liberdade de expressão.

André Barbosa Filho (2003, p.50) reflete que a prestação de serviços públicos das rádios, entre as quais se encontram também as comunitárias, possui forças e poderes inimagináveis, pois o rádio tem poder de cativar e seduzir seus ouvintes, influenciando a cotidianidade das pessoas e possibilitando resultados positivos. Para este autor, o rádio tem sensorialidade, penetração, é regional, é íntimo, é imediato e instantâneo, é simples, móvel, acessível, barato e tem ilimitadas funções sociais.

Por sua vez, José Eugênio de Oliveira Menezes (2007, p.119-120) diz que o rádio é um espaço de expressão de múltiplos tempos, vozes e paisagens sonoras, sendo também um espaço para mestiçagens sonoras, notadamente onde as pessoas navegam pelas diferenças, entrelaçam-se pelas peculiaridades, escapam das padronizações, convivem com a dimensão plural da realidade, encontrando, inclusive, novas formas de sobreviver e também de solucionar problemas.

Na opinião de Carlos Camacho Azurduy (2007, p.109-110) uma rádio deve educar para a democracia, e, principalmente, instigar a pluralidade, a participação, a integração e a criticidade das comunidades inseridas.

Daniel Augusto Vila-Nova Gomes (2009, p.65) afirma que a radiodifusão comunitária é uma prática social em que a comunidade exerce a construção de laços de convivência unindo seus integrantes sociais. “Num país em que nem sempre todos foram iguais, nem tampouco livres, para emitirem, mesmo que numa limitada parcela de espaço público, suas vontades e opiniões particulares, essas rádios simbolizam uma alternativa democrática para usos pedagógicos e emancipatórios da cidadania” (GOMES, 2009, p.65).

Conforme Lílian Mourão Bahia (2008, p.32-33), as rádios comunitárias surgiram em razão do desejo de expressão das comunidades, principalmente quando essas

comunidades têm verdadeiro espaço de expressão em seus meios. Essas afirmações denotam principalmente as perspectivas para o dessilenciamento das comunidades e seus sujeitos.

As rádios comunitárias, segundo Daniel Augusto Vila-Nova Gomes (2009, p.180), têm permitido, a um só tempo, a formação de arenas de influência na circulação da comunicação social de opiniões e vontades dos cidadãos e movimentos sociais, bem como a construção de identidades por sujeitos que invocam essas arenas como espaços alternativos de vivência compartilhada das liberdades, da igualdade e da fraternidade.

E é nessa conjuntura de tentar fazer rádio de maneira verdadeiramente social que é apresentado a parte empírica do trabalho.

2 – O 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí

“O que a universidade pode fazer pela gente?” Esse foi o primeiro questionamento feito na gestação do 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí. Sua concepção foi realizada à base de várias mãos, dezenas de ideias e na tentativa de trazer contribuições da universidade para uma das regiões mais carentes do estado. Na verdade quem mais precisava aprender era a própria universidade.

O curso superior de Comunicação Social mais próximo à São Francisco de Assis do Piauí fica na cidade de Picos (a 250 quilômetros de distância e único município do interior piauiense a ter cursos superiores de Comunicação – com duas universidades – a UESPI – Universidade Estadual do Piauí, pública – e a Faculdade R.Sá, privada).

Essas distâncias não são só geográficas, mas também comunicacionais. Em toda a região de São Francisco de Assis do Piauí não há sequer um jornalista formado e toda a comunicação, seja ela institucionalizada, ou não, é feita por profissionais formados na prática diária, notadamente voltamos à questões radiofônicas.

O fato dessa formação não quer dizer que haja uma comunicação de ignorantes. Essa não formação só instiga aos que a fazem tentar estudar mais e evoluir. Por isso esse foi o grande motivo do evento: levar a universidade às comunidades e não só as comunidades à universidade.

2.1 – São Francisco de Assis do Piauí: pouco IDH, mas exemplo de união social

São Francisco de Assis do Piauí está entre um dos 224 municípios do território piauiense. Assim como outros 150 (praticamente três quartos do total) está na região do

Sertão. Tem duas grandes características: é o município piauiense com o maior número de letras no nome e também o de menor IDH – Índice de Desenvolvimento Humano. Ela foi fundada em 1995 e instalada em 1996 ao ser desmembrada de Conceição do Canindé (que têm centros urbanos distantes em 40 quilômetros). Contemporaneamente São Francisco de Assis depende economicamente de Conceição e de cidades do Sertão piauiense como Simplício Mendes e Paulistana (distantes 63 e 70 quilômetros).

O nome da cidade é homenagem ao santo católico Francisco de Assis (1182 – 1226) um dos mais cultuados no Sertão Nordestino. Fica localizada a 500 quilômetros ao Sul de Teresina e só é acessível por uma única estrada asfaltada (a PI-459).

O IBGE (2017) aponta que o município tinha uma população estimada em 5.810 pessoas, que viviam em uma área territorial de 1.100,3 quilômetros quadrados, com densidade populacional de 5,06 habitantes a cada quilômetro quadrado. O mesmo levantamento estatístico apontava que o município vem em derrocada nos índices de matrículas escolares, mortalidade infantil e no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, indo na contramão de boa parte dos pobres municípios do Sertão Nordestino.

Esses e outros dados, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano (2017), fizeram o município piauiense figurar com o 17º pior Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil, ocupando a 5549ª posição (entre 5565), com índice de 0,485 (comparado à maioria dos países com índices sociais mais frágeis do Mundo).

São Francisco de Assis do Piauí, também segundo o IBGE (2017), tem população de 50,87% de homens e 49,13% de mulheres, sendo que 25,67% viviam na zona urbana e 74,33% viviam na zona rural, o tornando um dos lugares mais rurais de todo o Sertão nordestino.

Comunicacionalmente o município recebe sinal televisivo apenas da TV Antena 10 (afiliada à TV Record no Piauí), oriunda da capital, Teresina. Jornais impressos não chegam regularmente ao município e as rádios regionais que são captadas em São Francisco de Assis do Piauí não têm tanta constância. Elas, quase sempre operando em AM (amplitude modulada), são oriundas das cidades de Paulistana, Simplício Mendes e até da pernambucana Petrolina (a 232 quilômetros de distância).

A comunicação local e regional é feita basicamente pela Serra FM, única emissora de rádio comunitária operando em frequência modulada (FM) em um raio de quase 80 quilômetros. Essa rádio é a responsável por trazer o local e o regional aos moradores do entorno e tentar transformar essa realidade de dados econômicos e sociais

tão desfavoráveis, além de instigar, esclarecer e vivenciar questões relacionadas a direitos humanos, entretenimento e uma grande gama de trabalhos.

Desde 2009 que o trabalho da Serra FM vem sendo reconhecido e tratado em trabalhos acadêmicos. Destaca-se BERTI (2009, 2014, 2017a, 2017b) e ANJOS (2014). Todos esses materiais científicos são frutos das próprias provocações de moradores e comunicadores sociais da cidade. É notório e premente a questão da interrelação entre Academia e o que acontece com o trabalho da Serra FM para justamente tentar melhor o dia a dia daquela população.

2.2 – O evento em si

O 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí ocorreu entre os dias 08 e 09 de julho de 2017. Foi pensado em ocorrer em um final de semana para poder convergir melhor os comunicadores e participantes, já que a quase totalidade de quem atua em rádio comunitária no Sertão piauiense não vive da função, mas sim a tem como uma missão e/ou hobby.

O Encontro não foi destinado somente para comunicadores de emissoras comunitárias, mas também para comunicadores em geral, bem como membros de entidades sociais e público em geral. O evento ocorreu na sede do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de São Francisco de Assis do Piauí, no Centro da cidade. O prédio é vizinho ao da rádio comunitária Serra FM. Quase cem pessoas de mais de dez cidades do Sertão piauiense (todas elas circunvizinhas a São Francisco de Assis do Piauí) participaram do evento nos dois dias. Mais de cinquenta se inscreveram e tiveram a oportunidade de acompanhar palestras e debates.

Do lado da Academia participaram do evento: dois professores pós-doutores (professor Luciano Figueiredo, do campus de Picos, e professor Orlando Berti, do campus de Teresina – e autor deste trabalho), dois professores doutores (entre eles o pró-reitor de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários, Raimundo Dutra, e a diretora adjunta do campus de Picos, Janaína Aragão) e dois professores mestres (professor Evandro Alberto de Sousa, diretor do campus de Picos, e Américo Abreu, ambos professores da área de Radiojornalismo), todos representando os dois campus da Uespi que oferecem cursos de Comunicação Social (Picos e Teresina).

A programação foi pensada juntamente com sua organização social e acadêmica, balizado mais nas questões do ouvir do que de repassar conhecimento. Em quase todos

os momentos adotou-se a metodologia do poder olhar um para o outro, formando-se rodas e encarando-se, não havendo uma verticalidade, mas sim horizontalidade. Prezou-se pelos métodos freireanos (de Paulo Freire) de compartilhamento de conhecimento.

Na manhã do dia 08 de julho ocorreu a abertura e palestras sobre rádio e o poder das rádios comunitárias. Já na tarde do dia 08 de julho ocorreram oficinas sobre cooperação e produção de conteúdo para rádios. Na manhã do dia 09 de julho aconteceram oficinas sobre rádio comunitária e informação radiofônicas.

Destaca-se que os momentos dos intervalos, inclusive dos lanches, almoços e jantares foram feitos coletivamente, como uma forma de integrar os membros das emissoras de rádio comunitária e também da cidade.

3 – Refletindo o fazer mídia sonora na região sertaneja brasileira. Consequências, ações, debates e reflexões após o 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí

As principais reflexões sobre o 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí são feitas principalmente a partir do próprio lugar de fala da Academia. Não se trata apenas do simples fato das instituições de ensino superior fazerem extensão universitária, mas estarem presentes nessas reflexões. E quando a temática envolve rádio, a mídia mais presente nessa região do País, as responsabilidades são maiores.

Por mais que haja a polêmica de que a universidade tem de sempre ficar em seu campo de reflexão e a própria sociedade partir para tensionamentos defende-se justamente a confluência entre o que é feito nas emissoras comunitárias, as comunidades e a própria Academia. Isso no caso do fenômeno a ser estudado. Pois é uma defesa epistemológica, teórica e empírica sempre haver conotações entre os campos do saber e a própria sociedade.

Prova-se que no 1º Encontro Regional de Rádios Comunitárias do Sertão do Piauí foi realizado todo esse papel. E destaca-se esse ponto não como instrumento de marketing, mas de reflexão para novos eventos, sejam eles feitos, ou não, pelas instituições que participaram do ocorrido em São Francisco de Assis do Piauí.

O protagonismo ocorrido nos dias 08 e 09 de julho de 2017 não se dá por conta de ter sido elencado, aceito e certificado pela universidade, mas pelas questões emblemáticas do papel das comunidades representadas no evento e suas consequências práticas, inclusive com o acerto da realização de novos encontros (três deles já pré-

agendados para o ano de 2017), além de oficinas e possibilidades de maior interação entre a comunicação comunitária radiofônica sertaneja piauiense.

O estar presente em comunidades do Sertão do Piauí não é uma novidade nos trabalhos da Universidade Estadual do Piauí. Ele já é feito no sentido comunicacional desde 2012 com o Curso de Formação de Comunicadores Comunitários e Populares do Sertão do Piauí, um embrião de trabalhos acadêmicos e sociais, de caráter extensinista que durante quase cinco anos atuou na formação e reflexão de quase mil comunicadores comunitários dessa região. O projeto está temporariamente suspenso por causa de readequação de objetivos e também para seleção de novos membros. Quando funcionava envolvia três professores e 12 alunos (metade deles bolsistas).

O rádio foi fortalecido e reconhecido como meio de comunicação emancipatório e reflexivo. O meio, como próprio destacam Detoni (2004), Coelho Neto (2002), Menezes (2007) e Gomes (2009) é uma mídia de altíssimo poder de penetração e representatividade social. Concorde-se com os autores e tenta-se evoluir os conceitos desse poder também para representatividades políticas e de avanços econômicos.

O rádio empodera, forma, informa, traz evolução, instiga, polemiza e muito mais. Não há como desvencilhar esse poder e suas estratégias de coletivização.

Foram realizados fortes debates sobre o poder do rádio e sua história nota-se que esse meio de comunicação tem seu início com sua importância educativa. Até sua evolução e chegada ao Sertão, atualmente é encarado não mais como um simples meio de comunicação que evoca a recepção pura e simples dos sinais de grandes cidades, mas também de emissão de sua cultura, de suas identidades, de suas demandas sociais.

Notou-se confluências sobre a importância da cooperação, principalmente dos próprios comunicadores. Foi realizado um pacto de que um ano após o evento os professores que estiveram em São Francisco de Assis do Piauí regressem à cidade e, juntamente com todos os participantes do evento de 2017, se reunissem novamente em 2018 para saberem em que esse cooperação evoluiu e como evoluiu.

Trabalhou-se com questões do rádio enquanto meio para reflexão de demandas sociais específicas. Na região sertaneja piauiense há sérios problemas localizados como o de várias comunidades que ainda não têm acesso a energia elétrica, da questão da corrupção de vários poderes públicos municipais, de obras contra a seca que não chegam à muitas comunidades, da questão do próprio feminismo, das questões ligadas à terra, aos grupos socialmente minoritários, aos indígenas, aos quilombolas e muito mais.

Firmou-se um pacto informal para que temáticas do tipo virem mais programas e tomem conta dos microfones das emissoras. Foi debatido também o papel do entretenimento de qualidade e as consequências da veiculação de músicas ou de programas que tragam o desrespeito aos direitos humanos e sociais.

Uma das consequências principais do Encontro foi justamente que os debates se tornariam sem efeito caso tudo o que foi destacado nas 16 horas de evento não pudesse ser levado à prática e ao próprio crivo das comunidades para saber se realmente aquilo é o que é prioritário para a melhoria de suas situações.

E não adianta nada falar-se em comunicação, comunicação comunitária, comunicação radiofônica, participação e uma série de outras demandas, se os grupos sociais a serem atingidos por essas mensagens não serem ouvidos. Ouvir, um ato tão oriundo da mídia rádio, é o grande quê da questão contemporânea sobre a própria participação social e reflexão de dias mais cidadãos para essas comunidades, sejam elas do Sertão ou de qualquer outro rincão do Brasil.

Considerações

Considera-se a partir de que o rádio continua como importante vetor de transformação social. Com vetorização crescente, necessária e cada vez mais diferencial. Ele não pode ser pensado como pura, e simplesmente, um meio de comunicação. O rádio é muito mais que isso.

Sua capacidade emancipadora, formadora e revolucionária precisa ser levada em conta, notadamente pensando-se e valorizando-se mais os seres que fazem parte dos seus processos comunicacionais, tanto em uma questão de emissão quanto de recepção, inclusive levando-se em conta que ambos são iguais nos processos comunicacionais.

A problemática de pesquisa foi respondida a partir de que o evento trouxe contributos não só para as comunidades representadas, não só para o aumento do conhecimento do fazer rádio, mas também para a própria universidade no sentido de entender o desenvolvimento de novas técnicas, no sentido de estar “*com o pé na lama*” para reflexões das demandas sociais. Foi uma grande lição do fazer rádio e do poder casar a prática com a teoria, tão necessárias, principalmente quando voltadas para questões sociais.

Mediante o que foi analisado, debatido, exposto e refletido responde-se os questionamentos levados a cabo na Introdução.

Qual o papel da universidade, e seus membros, frente às questões e debates contemporâneos na sociedade e nas comunidades? O papel é de estar mais próximos a essas demandas, de romper os muros universitários e poder estar mais nas comunidades, nas emissoras, vivenciando as práticas comunicacionais.

Como tem sido feito? Tem sido realmente? Sim. Nota-se que a Universidade Estadual é apenas uma entre as centenas de instituições que atuam em sentidos extensionistas. É uma prova de que o histórico tripé: Ensino, Pesquisa e Extensão aos poucos se equivale. Uma lição é que precisamos fazer mais extensão. E isso significa mais atuação social, inclusive nos lugares mais afastados das universidades em seu sentido geográfico.

Quais as consequências reais desses processos? No caso estudado as consequências serão novos cursos, maior interação entre os próprios comunicadores que começam a formar redes informais de rádio, com troca de experiências e ideias em termos do fazer jornalismo e entretenimento.

Quais as heranças e o que de imediato pode ser aferido? As heranças podem ser levadas em conta em três esferas: a curto, a médio e a longo prazos.

Na esfera a curto prazo as heranças residem em formação de uma rede informal de comunicadores pensando novas possibilidades de comunicação comunitária radiofônica. Essa rede será feita através de grupo de *Whatsapp* e também via *Facebook*, justamente para a garantia mais rápida de circulação de informações. Na esfera a médio prazo as heranças residem em realização de novos eventos em várias outras cidades do Sertão do Piauí e também na realização de mini-cursos voltados para maior profusão de difusão comunicacional. Já existe um projeto aprovado na Pró-reitoria de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários da UESPI que abarca essas demandas e podem ser feitas em qualquer uma das 151 cidades do Sertão piauiense. Na esfera a longo prazo as heranças podem ser aferidas a partir da criação de cursos superiores refletindo a própria comunicação radiofônica. Cursos que possam estar mais próximos e formar teoricamente e entender os que já vivenciam as práticas comunicacionais cotidianas. Existe um projeto para a criação do curso de Tecnólogo em Radiojornalismo, via modalidade à distância, justamente para formar a nível superior comunicadores dessas emissoras. Sua execução demanda de ação política das entidades que representam os comunicadores comunitários do Sertão do Piauí, parlamentares estaduais e a própria direção superior da universidade (que já se mostrou simpática à ideia).

Justamente essa mídia sonora de tanto poder e penetração coletiva: como tem sido usado para as mudanças sociais em períodos políticos e econômicos tão sombrios no Brasil? E nos lugares considerados mais socialmente vulneráveis? Há diferenciações? Sim, foi visto o simples ato do 1º Encontro. Que seja o primeiro de muitos e que a Academia possa continuar refletindo demandas do tipo.

Referências

ANJOS, Hosana Tenório dos. **A participação da comunidade da cidade de São Francisco de Assis do Piauí, no Sertão Piauiense, na rádio comunitária Serra FM**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo) – Universidade Estadual do Piauí: Picos, 2014.

ATLAS BRASIL. **Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil**. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br>>. Acesso em: 19.jun.2017.

BAHIA, Lílian. **Rádios comunitárias: mobilização social e cidadania na reconfiguração da esfera pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Os processos comunicacionais nas rádios comunitárias legalizadas do Sertão do Piauí**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2009.

_____. **Processos comunicacionais nas rádios comunitárias do Sertão do Nordeste brasileiro na internet**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2014.

_____. **Rádios comunitárias e direitos humanos**. O caso da Rádio Serra FM: desafios e atitudes do fazer Comunicação Comunitária em um dos municípios de menor IDH do País. Niterói: Revista Mídia e Cotidiano, v.11, n.1, 2017(a).

_____. **Teorias da Comunicação Comunitária – faces e interfaces nas comunidades contemporâneas**. Tese (Pós-Doutorado em Comunicação, Região e Cidadania) – Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2017(b).

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CAMACHO AZURDUY, Carlos A. **Las rádios populares em la construcción de ciudadanía: enseñanzas de la experiência de ERBOL en Bolivia**. La Paz: Amaru, 2007.

COELHO NETO, Armando. **Rádio comunitária não é crime: direito de antena: o espectro eletromagnético como um bem difuso**. São Paulo: Ícone, 2002.

COSTA, Rogério da. **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**. IN: ANTOUN, Henrique. Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

DETONI, Márcia. **Rádios comunitárias: revolução no ar**. IN: BARBOSA FILHO, André; BENETON, Rosana; PIOVESAN, Ângelo. Rádio sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

GOMES, Daniel Augusto Vila-Nova. **Rádios comunitárias, serviços públicos e cidadania: uma nova ótica constitucional para a crise dos serviços de (tele) comunicações no Brasil**. São Paulo: LTR, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados populacionais e históricos da cidade de São Francisco de Assis do Piauí**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/municipio/2209658>>. Acesso em: 18.mar.2017.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES. **Plano Nacional de Outorgas de Rádios Comunitárias**. Disponível em: <<http://www2.mcti.gov.br/documentos/espaco-radiodifusor/pno2015-2017-1.pdf>>. Acesso em: 02.jul.2017.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Cartilha e Manual – o que é uma rádio comunitária**. 2009. Disponível em: <http://www.mc.gov.br/images/2009/08/cartilha_em_pdf.pdf>. Acesso em: 06 set.2016.